

35° Encontro Anual da Anpocs

**GT34 - Sociologia e antropologia da moral**

**Moralidade e Magia:**

**o caso dos “trabalhos de amor” nos terreiros de umbanda**

KELSON GÉRISON OLIVEIRA CHAVES

Este texto é fruto de uma pesquisa relativa a questões de moralidade que surgem quando da realização dos chamados *trabalhos de amor*, principal prática mágico-religiosa dos terreiros de umbanda de Limoeiro do Norte, interior do Ceará. Os *trabalhos de amor*, assim chamados pelos pais e mães de santo que os realizam, representam uma prática mágico-religiosa de uso lato em todo o Brasil. Nosso estudo, entretanto, restringiu-se ao campo empírico acima citado.

Sabe-se que a moralidade é responsável por definir para os membros de uma sociedade “os valores positivos e negativos que devem respeitar e desejar ou detestar e desprezar” (CHAUÍ, 2003, p.307). Sendo “um dos valores mais importantes de uma cultura, pois constitutivo de qualquer sociedade” (CARDOSO DE OLIVEIRA, 1994, n.p.), ela surgiu em minhas pesquisas quando buscava compreender a experiência mágico-religiosa em terreiros de umbanda e, num dado momento, percebi o quanto as concepções de moralidade, e os conflitos morais, permeavam tal experiência, mais especificamente no que diz respeito aos *trabalhos de amor*.

Os *trabalhos de amor*, juntamente com os *trabalhos de cura* e os *trabalhos de destranca* (que visam resolver problemas financeiros), são os mais procurados nos terreiros de umbanda de Limoeiro do Norte, Ceará. Aqueles *trabalhos* que se referem ao amor, no entanto, possuem uma peculiaridade, que é a de suscitar debates e discórdias, entre pais e mães de santo, bem como entre os *clientes*, em torno do que é ou não é certo fazer. Esse fato me fez perceber que a dimensão da moralidade, a seleção e decisão do que é considerado certo e errado, marcava profundamente a experiência da realização desses *trabalhos*. Nas discussões empreendidas por pais de santo, mães de santo e *clientes*, diferentes concepções de moralidade se revelam nos momentos em que os sujeitos pesquisados explicam e tentam justificar suas escolhas e posições.

Para se compreender melhor, os *trabalhos de amor* podem ser reunidos, em resumo, em cinco subcategorias, que são a *arrasta*, a *amarração*, a *união*, a *capação* e a *separação*, todos contendo suas idiossincrasias e propósitos bem definidos.

A *arrasta* é um *trabalho* feito com a intenção de trazer, fisicamente, a pessoa desejada para perto. É o primeiro passo para a conquista. A *amarração* já adentra o

âmbito emocional, e se destina a fazer com que a pessoa desejada se apaixone perdidamente por quem solicitou o *trabalho*. A *união*, como o próprio nome sugere, é feita para que um casal fique unido, no sentido de estar em harmonia. Este *trabalho* pode ser solicitado tanto por membros de casais já estabelecidos, como também por um membro do novo casal resultante da *arrasta* e da *amarração* que deseja mais esse acréscimo ao relacionamento. As possibilidades não se encerram na *união*. Há a *capação*, *trabalho* que objetiva fazer com que o parceiro não se sinta atraído por mais ninguém, estando, dessa forma, literalmente com o seu desejo castrado em relação às outras pessoas. Já a *separação* entra mais fundo na intervenção dos fatos e visa separar um casal para “tomar” o marido ou a esposa de alguém. Neste caso, o que é *trabalho de amor* para um pode ser encarado como *demanda*, que visa prejudicar alguém, por outro, isto é, por quem é atingido. Assim, o que é *trabalho de amor* ou *demanda*, para causar prejuízos a outrem, nem sempre se define por uma substância, o contexto interferindo vez por outra na definição.

Deve-se reconhecer que a umbanda está inserida e faz parte de uma sociedade onde uma macro-moral de fundamento judaico-cristã orienta de maneira hegemônica as ações, valores e julgamentos dos indivíduos. Apesar disso, alguns aspectos dessa moral são transgredidos, negociados, flexibilizados, transformados ou substituídos pelos agentes no momento em que tentam resolver certas aflições por meio do recurso mágico-religioso. Por isso, as intervenções na realidade que podem ser feitas pelos *trabalhos* trazem à discussão inúmeros temas relativos à moral, como, por exemplo, o livre arbítrio, o bem ao próximo, e o amor como um dom.

Com o exemplo abaixo a discussão pode ser iniciada, quando Sofia, uma das *clientes* do terreiro de umbanda São Jorge Guerreiro, na cidade de Limoeiro, sendo universitária e já tendo passado por uma escola de freiras, sente algum incômodo e tenta justificar sua decisão de realizar um *trabalho de amor*:

Porque muitas vezes, talvez não seja nem correto, mas a gente quer tanto uma pessoa que por isso as pessoas recorrem a esses meios na tentativa de trazer a pessoa para perto da gente. Não sei nem se isso é bom. Não sei se seria bom influenciar as pessoas usando outros meios, já que a pessoa não ama por que a gente usaria métodos, outros

métodos, para trazê-la e para fazer com que essa pessoa fique do meu lado? (Diálogo realizado em julho de 2005).

Vemos que na fala de Sofia ela suscita algumas questões de teor ético e também moral para si própria, questões do tipo “bom e mau”, quando diz “*Não sei nem se isso é bom*”, e “certo ou errado”, ao dizer que “*talvez não seja nem correto*”. Estas questões lhe trouxeram dúvidas que podem ser traduzidas nas perguntas: impedir ou não a liberdade de escolha do outro? Tenho esse direito? É certo fazer isso? Em que valores posso me basear para tomar a decisão? Essas dúvidas, ressalte-se, não a impediram de realizar o *trabalho*, talvez porque ela via nessa realização uma possibilidade de dar fim ao seu infortúnio individual.

Numa vasta literatura sociológica e antropológica de embasamento durkheimiano, é corriqueiro nos depararmos com um “preconceito teológico” que liga os atos mágico-religiosos à amoralidade e à imoralidade. Conforme pensa GURVITCH (1968), a magia não é avessa à moralidade, é antes uma afirmação do desejo e do diverso ante à moralidade tradicional estabelecida. Não se tratando da clássica oposição do individual em relação ao social, representaria antes um princípio distinto, uma moralidade de autonomia diante da moral hegemônica nesse mundo social

Talvez a ideia de uma “moral de autonomia”, diante de uma moral tradicional, peque por excesso de pureza, pois, na própria fala de Sofia, citada mais acima, vê-se o quanto a *cliente* não estava convicta se sua ação era ou não correta. A hesitação de Sofia no uso da primeira ou terceira pessoa também revela o conflito, que ora assume sua atitude, ora busca se esquivar em um discurso distanciado. De qualquer modo, a afirmação de Georges Gurvitch serve para nos lembrar do trânsito entre modelos de moral presentes na sociedade. É entre eles que Sofia fica hesitando.

Como se vê, alguns *trabalhos* da umbanda acabam colocando frente a frente modelos de moral diferentes para discutir, dialogar, repelir-se ou adaptar-se. Mesmo existindo em nossa sociedade diversos programas de moral, na medida em que se aciona aquele que não é o hegemônico entra-se de imediato no campo da transgressão, como no caso de Sofia. Se as normas falam de como se deve agir, é porque, ao menos teoricamente, existe a possibilidade de não agir deste modo. Assim, na busca pela felicidade e bem-estar, Sofia transgredir os próprios preceitos. O desejo a fez pensar e

repensar suas concepções pre-estabelecidas e os próprios preconceitos aprendidos. Quando perguntada sobre o que sabia dos terreiros de umbanda antes de ir a um, ela respondeu:

— Eu conhecia como macumba e a visão que eu tinha era que lá se praticava o mal, que ia lá para fazer determinados trabalhos para prejudicar as pessoas, e que não havia rituais mais, digamos assim, mais sagrados.

— Rituais sagrados? Como assim?

— Tipo para cultuar entidades... E eu não sabia também que dentro daquele ambiente, daquele contexto, havia também as questões culturais. Então a visão que eu tinha era mais dessa prática do mal.

— Como assim, questões culturais?

— Não há as misturas dos elementos afros, da dança, das entidades, dos preto velhos que são vindos dos escravos, herdados dos escravos?

— Se você achava que lá se praticava o mal, o que a levou até lá?

— Primeiro eu tive medo, muito medo, como a visão que eu tinha era do mal então isso me dava medo. Mas também me dava curiosidade e me desafiava a ver na realidade como eram as práticas.

— Foi isso?

— A princípio sim. Mas como eu estava buscando algo que me desse respostas, que me desse motivações, que me norteasse para o que eu estava vivendo, então eu achei que seria bom também ir lá e de repente eu pudesse descobrir ali as respostas que eu estava buscando (Diálogo realizado em julho de 2005).

Assim como Sofia, muitas das pessoas que vão ao terreiro sob a mesma condição, ou seja, não se considerando umbandistas, desejando apenas uma solução imediata para uma situação já de desespero, são tomadas por um ecletismo religioso que, às vezes, gera um conflito interno relativo à concepção ético-moral da própria pertença religiosa, ou mesmo da moral hegemônica que fora socialmente aprendida.

Na fala de Sofia, por exemplo, as dúvidas relativas à moralidade perpassam essencialmente o ponto onde se sabe que fazer o *trabalho* é interferir no curso natural das coisas, manipulando o sentimento alheio. A questão continua a ser a do livre-arbítrio. Isto

é muito perceptível quando ela diz: *Não sei se seria bom influenciar as pessoas usando outros meios, já que a pessoa não ama por que a gente usaria métodos [...]?* O ideal de amor gratuito e o dom do livre arbítrio pesam muito no momento da autocrítica.

\*\*\*

É comum, obviamente, que algumas concepções muito pessoais confrontem as normas sociais mais hegemônicas relativas à moralidade. A subjetividade, o modo como encara-se o sofrimento do “outro”, o sofrimento afetividade, todos são elementos influenciadores nas decisões pessoais. Dessa forma, os *trabalhos de amor* envolvem não só questões de moralidade, mas também de subjetividade, de aflições cotidianas. E ambas as esferas se interpenetram e se influenciam mutuamente.

Numa outra conversa de campo, esta com Ivna, mais uma das pessoas que adentraram o terreiro umbandista em busca de destruir suas angústias amorosas, a relação pessoal com o pai de santo e os sentimentos que invadem os sujeitos são muito perceptíveis:

— Como você chegou, primeiramente, ao terreiro de Gledson?

— Eu cheguei através do irmão dele. A gente trabalhava na campanha [eleitoral] e eu peguei amizade com ele e comecei a contar as coisas da minha vida. De princípio eu já estava sofrendo por causa dessa pessoa, certo? Aí Paulinho [irmão de Pai Gledson] viu assim meu jeito... aí de princípio ele não queria me dizer aonde ele frequentava pelo fato assim... de eu criticar ou alguma coisa do tipo, mas ele não sabia que eu já frequentava outros... outros lugares. Aí foi aonde ele me falou: Ivna, quero te levar num lugar... não sei o quê... pronto. Aí foi através dele que eu vim para cá. A princípio eu vim conversar com Gledson, antes de frequentar a gira. Conversei com ele e tudo mais, e gostei. Só na conversa ele me colocou para cima. A conversa foi muito boa, cheguei aqui muito pesada, muito negativa mesmo, estava sofrendo mesmo! Aí só na conversa Gledson me colocou para cima, aí foi aonde

eu senti firmeza, aí foi aonde eu vim. No outro dia eu vim para a gira. Eu fui muito bem recebida, gostei muito, inclusive achei até um pouco diferente dos outros lugares que eu frequentei, os caboclos e tudo mais. E gostei e até hoje estou. Graças a Deus! (Diálogo realizado em janeiro de 2009).

Como se percebe, para descrever seu bem ou mal-estar, Ivna usa, em sua narrativa, códigos umbandistas para ler o mundo. Ela diz que estava “pesada” e “negativa”, categorias explicativas encontradas nos terreiros para descrever certos estados emocionais. Como destacou LE BRETON (2009, p.126), “a afetividade dos membros da mesma sociedade se inscreve num sistema aberto de significados, de valores, de ritualismos, num vocabulário etc. Cada emoção sentida emana do interior desta trama, oferecendo possibilidades de interpretação aos atores a respeito daquilo que eles sentem e percebem na atitude dos outros.” Em nosso caso, Ivna começa a deixar para trás algumas formas de ler e expressar o sofrimento e passa a usar o vocabulário e as categorias fornecidas no terreiro de Pai Gledson. Na continuação de nossa conversa, a emotividade de sua narração aumentou de grau:

— E quando você veio conversar com Gledson, antes de vir para a gira, era sobre o quê?

— Era sobre o que eu estava sofrendo. Era um problema amoroso. Eu gostava... eu gosto muito e não queria desistir dele, estava assim é... estava uma coisa difícil de lidar, eu não estava conseguindo fazer nada! As coisas da minha vida eu estava deixando em último lugar. Só ele! Estava me atrapalhando em tudo! E não estava conseguindo me alimentar direito, aquela coisa toda. Aí quando eu cheguei aqui, Gledson me deu uma luz...

— E você teve conforto só por conta das conversas, ou, de alguma forma, por meio da umbanda, você tentou “ajeitar” os problemas que você tinha?

— Ótimo! A conversa me ajudou muito, muito mesmo, como eu falei, né? A princípio eu conversei primeiro com ele para poder assistir uma gira. Aí quando eu comecei a assistir a gira, lógico que de princípio a gente acha tudo esquisito. Mas depois eu fui conhecendo. Aí, às vezes

quando eu vinha para gira, assim, eu vinha muito negativa, muito pesada, mas quando eu saía parecia assim que não tinha acontecido nada! Sabe assim: parecia que não tinha acontecido nada comigo, nada negativo tinha acontecido... sabe? Eu chegava pesada, ave Maria, saía flutuando... Tudo bem, depende muito da positividade da gente. Depois que a gente chega, cada caboclo vai passando, e depende do que cada caboclo venha fazer, cada problema, cada propósito da pessoa. E eu saía... flutuando... Sempre que eu vinha para a gira, o meu objetivo era esse problema... amoroso. Eu gostava... gosto duma pessoa, não quero perder ele por nada nesse mundo, o que eu sinto por ele é maior do que eu... do que tudo! Minha cabeça pedia uma coisa, mas meu coração queria outra... e a gente não pode ir contra o coração não. Quando o coração quer, manda e manda mesmo! Pelo menos assim, eu não consegui controlar, entendeu? É tanto que até hoje eu estou brigando por isso, estou lutando... e muita coisa eu já consegui... porque se não fosse através daqui [do terreiro], eu acho que eu não estava mais com ele. Se eu não estivesse frequentando aqui pode ter certeza que eu não estava mais com ele (Diálogo realizado em janeiro de 2009).

Ao dizer essas palavras, Ivna caracteriza uma “paixão amorosa” acompanhada de sofrimento, em termos de modelos culturais, como um sentimento incontrolável, que tira o apetite, a atenção, e traz o esquecimento de si mesmo, ocupando-se somente do ser amado. A ideia de posse desse ser, a qualquer esforço, é permanente; mas a existência coletiva de tais realidades não funciona como uma máscara de ferro em que todas as maneiras de se expressar dos sujeitos se nivelam, ao contrário.

A conversa com Ivna, transcrita logo acima, demonstra veemente rejeição de uma moral que, nas palavras de NIETZSCHE (2009), é chamada de “moral dos ressentidos”, moral racionalista, avessa às paixões, aos desejos e às vontades fortes que fazem os corpos explodirem de força vital e que só pode ser vista como má pelo viés que lhe é contrário ou, para retomar NIETZSCHE, que a teme. A moral judaico-cristã, em sua valorização da “sobriedade” e da “castidade”, designadas como “virtudes morais”, e da “temperança” e “prudência”, alçadas ao patamar das “virtudes cardeais”, das quais as anteriores dependeriam, rejeita essa maneira passional e intervencionista de conduta.



Ivna também fez um *trabalho de amor* com Pai Gledson. Contudo, ela elaborou respostas diferentes das de Sofia para o tema da intervenção no livre arbítrio, ao tolhimento da liberdade dos sentimentos alheios. O tema surgiu por acaso. Durante nossa entrevista, a todo o momento ela falava de seu problema amoroso e da tentativa de resolvê-lo no terreiro, por meio da ajuda de Pomba Gira. Em nenhum instante, porém, eu a ouvia pronunciar a expressão *trabalho de amor*, que a esta altura eu sabia ser uma categoria consagrada entre os pais e mães de santo com quem conviviam. Então decidi indagar:

— Alguma hora você chama isso [que ela vinha me contando] de *trabalho de amor*?

— De trabalho...?

— Sim, fazer um *trabalho de amor*...?

Foi então que ela ficou indignada comigo:

— Trabalho? Não digo bem trabaalho... porque assim, olhe: muita gente já chegou para mim, algumas pessoas assim próximas, já chegou para mim e disse assim: “eu não seria capaz de estar querendo conseguir alguma coisa através disso!” Mas eu acho, sinceramente, a minha opinião, quando se gosta e quer uma pessoa de verdade, quando é um sentimento puro, eu não acho que seja errado, eu não estou matando, não estou roubando, né? Eu não estou prejudicando ninguém, o que eu quero é a pessoa que eu gosto do meu lado, e eu não vou maltratar, não vou fazer ele sofrer, pelo contrário, se eu gosto dele vou fazer ele feliz, entendeu? Eu não acho que seja assim, trabaalho, simplesmente trabalho! Porque eu estou aqui por amor, porque eu gosto muito, através do meu coração, meu coração está pedindo, certo? E se eu sei que isso aqui pode me dar... por quê eu... não é? (Diálogo realizado em janeiro de 2009).

Para ela, errado é matar ou roubar, valores dados. São verdades. Nas palavras de Ivna, errado é, ainda, maltratar. Dar amor só pode ser certo. Isto porque agir de acordo com a moral e a ética “é agir de acordo com o bem. A maneira como se definirá o que

seja este bem é um segundo problema” (VALLS, 2006, p.67). Para ela, dar amor, mesmo que o outro não tenha a opção de escolher receber, é correto, e inquestionável.

É indiscutível que as estruturas internalizadas de um *habitus* inclinam os atores a agir e pensar dentro de alguns limites (BOURDIEU, 1994.). Ninguém toma decisões com embasamento no nada, mas sim com o suporte de normas e orientações socialmente aprendidas. Apesar de não termos a toda hora consciência de quais valores estão nos guiando no instante das decisões, o *habitus* regula nossas decisões mais do que gostaríamos. Dentro mesmo do *habitus*, entretanto, existem inumeráveis opções de ação escolhidas de acordo com a história individual de cada indivíduo, sua sensibilidade, sua subjetividade.

Perceba-se que a fala de Ivna não vai, em momento algum, contra o discurso dominante de que o amor é o bem maior. Ao mesmo tempo, porém, revela uma concepção onde o fim, isto é, seu objeto de amor, é mais significativo do que o meio utilizado para alcançá-lo, o que normalmente vai contra o discurso dominante. A vida moral é imensamente flexível e de uma mobilidade desconcertante para quem idealiza que uma única moralidade possa ou deva ser aplicada a todas as situações. Além disso, como ensina GURVITCH, enquanto a experiência jurídica e suas leis são inteiramente coletivas, “a realidade e a experiência morais podem ser tanto individuais como coletivas”, sendo por mais das vezes comum que o vetor individual seja mais fortemente acentuado (GURVITCH, 1968, p.222.).

O ato mágico-religioso buscado por Ivna carrega consigo o desejo de dominar um sentimento de outrem, de se assenhorear de seu cotidiano, o que desestabiliza a moral hegemônica como única forma de enxergar o mundo das ações. A leitura do problema vivido é feita através de valores adquiridos na cultura, mas em diálogo com seus sentimentos pessoais: tristezas, carências, entre outras instâncias. Quando ela me falava, o fazia bastante emocionada, demonstrando que seu amor e intenção de fazer o amado feliz tornavam, do ponto de vista de sua moral, a intervenção mágico-religiosa na realidade um ato absolutamente correto, pois, segundo sua consideração, era para o bem do outro também. Nessa situação, Ivna revisa os valores tradicionais e, numa relação dialógica com o discurso sobre o amor presente na cultura, cria os próprios, que lhe sirvam sem deixá-la com sentimento de culpa no atual contexto de vida. Desse modo, o

caráter coletivo e comumente coercitivo da moral não se impôs como algo asfíxiante a sua individualidade.

Ante esse acontecimento, diante desse modo de pensar, o termo *trabalho* lhe pareceu, como pude sentir e até ficar constrangido naquele momento de minha pesquisa de campo, muito ofensivo, conforme sua tonalidade de voz e sua argumentação, reafirmando com veemência: “*Eu acho, eu acho isso, não é simplesmente um trabalho!*”

Acredito que o termo *trabalho* lhe causou tanta indignação porque pode lhe ter parecido um vocábulo muito técnico que acabava deixando ausente toda a carga amorosa e emocional que implica, toda a realidade que sente individualmente. Para ela, não se tratava de executar algo, e sim de conquistar um amor. Um amor que, com certeza, no coração dela, é lindo, mas que precisará de uma ajuda da entidade Pomba Gira para ser concretizado. Sofia e Ivna não serão as únicas a discorrer sobre questões desse gênero. Além dos *clientes*, todos os pais e mães de santo também fizeram comentários que envolvem o assunto. Vejamos, por exemplo, o de Pai Salviano, quando explica por que não gosta muito de realizar determinados tipos de *trabalhos de amor*:

— Quando é um amor que acaba... porque assim como começou também tem um fim. Aí eu não gosto de lutar por isso aí não. Eu desanimo logo, porque todo mundo tem o direito de começar e de acabar a hora que quiser. Começar a hora que quiser e acabar a hora que quiser. Agora quando é um amor, uma união de um casal que foi através de demanda aquela separação, uma demanda para destruir, aí eu trabalho com gosto, procuro ajeitar e resolver aquele casal, porque a gente pensa nas crianças, na família, numa luta de muitos anos do casal (Diálogo realizado em junho de 2007).

Fica evidente que, entre outras questões, Pai Salviano valoriza em seu julgamento o livre-arbítrio como fundamental na decisão de fazer ou não certos *trabalhos de amor*. O único caso de exceção é quando terceiros tentam prejudicar um casal, destruí-lo com uma *demanda*. Se Pai Salviano tem essa concepção a respeito dos *trabalhos de amor*, Dona Luiza tem ideias parecidas, mas levanta outros problemas e questionamentos, como se vê em um de nossos diálogos, transcrito logo na sequência:

— A senhora me disse uma vez que não recomenda muito os *trabalhos de amor*, no sentido de que acha que é um amor forçado...

— É! O amor forçado eu acho que não dá... não serve, né?! Então é assim, você, vamos supor: você tem sua mulher. Então aí vocês por um motivo às vezes até muito bobo vocês dois brigam e se afastam, não é? Aí estão os dois naquele negócio: não, não vou pedir desculpas a fulano porque foi fulano o culpado. Aí a mulher diz: não, foi ele quem foi o culpado. E fica naquela dúvida medonha! Nesse caso, se a pessoa chegar a mim e falar: “Dona Luiza eu quero que a senhora... (longa pausa) por intermédio dos guias faça alguma coisa para fulano ter coragem de se chegar a mim.” Aí sim, eu faço. Mas negócio assim: só porque você quer a dona ali! E a dona não lhe quer! Para mim isso não... eu acho muito errado. Assim, cada um faça do seu jeito, não tenho nada contra. Mas para eu fazer... acho muito esquisito...

— E os que a senhora já fez... não fez de todo gosto, então?

— De jeito nenhum! Têm pessoas que chega choram! Porque você sabe que as pessoas às vezes aprendem tanto a conviver com o outro que fica difícil de conviver distante. Tem um caso de uma mulher, que tem treze anos de casada, e agora estão... o marido arrumou outra pessoa. Ou se arrumou ele e ela, ele e a criatura. E essa mulher está sofrendo muito [...]. Aí ela tem insistido muito para eu fazer alguma coisa para que voltem as pazes, fazerem as pazes e viverem felizes. Já essa parte assim eu acho que... logo que ela quer porque ela gosta daquele outro ainda muito, não sabe viver sem aquele, não aprendeu a viver sem aquele outro, né? Assim, nesses casos eu tento ajudar aos dois se reaproximar novamente. Mas em outros casos de casal... vamos dizer uma mulher, uma mulher da vida livre, e quer o marido daquela, de outra mulher acolá... por dinheiro nenhum eu trabalho para essa pessoa! De jeito nenhum! Porque eu tenho marido e não quero que ninguém faça isso comigo. Minhas filhas são casadas e eu não gostaria que ninguém fizesse isso com uma filha minha também, e eu já tenho várias coisas assim para pensar... (Diálogo realizado em junho de 2007).

Nessas palavras, percebe-se que o livre-arbítrio não é visto como um valor universal e irrevogável, pois não é em toda e qualquer situação que ele merece a mesma intocabilidade. Se se faz certos tipos de *trabalho de amor* para trazer de volta um marido que se debandou, porque certos valores consideram o matrimônio importante, então, neste caso, a relevância própria do livre-arbítrio como um valor em si deixa de importar. É outro valor moral, o matrimônio, e a questão subjetiva do sofrimento da mulher abandonada, que passam a ser mais imperativos. Aliás, a categoria sofrimento se mostra como grande responsável por flexibilizações e negociações morais, donde também se vê o quanto as duas esferas, da emoção e da moral, andam em diálogo.

Ao mesmo tempo em que transgride valores tradicionais, as palavras de Dona Luiza revelam uma moral também ortodoxa, de modo que os *trabalhos de amor* que ela concebe fazer são somente para salvar o “sagrado matrimônio”. Quem deseja pessoas casadas não merece ajuda, mesmo que esteja sofrendo. Quem era casado e está sofrendo pelo fim do relacionamento, merece. O próprio sofrimento, portanto, é também avaliado segundo critérios específicos. E mesmo que seja importante e quase sempre levado em consideração, não justifica, por si só, qualquer *trabalho*. Não há contradição alguma nisso tudo. O que temos aqui é uma constante negociação entre o que se pode chamar de programas de moralidade diferentes.

Num outro ponto, vê-se a decisão de não fazer *trabalhos de separação* porque não gostaria que ela e suas filhas casadas fossem alvo do mesmo veneno. Neste momento, sua consciência moral não parece pensar baseada em conceitos preestabelecidos do que seria certo ou errado, mas sim, dentro do caso, partindo de uma reflexão comparativa: pondo-se no lugar do outro, e tomando para si seus sentimentos. Constata-se, porém, que pôr-se no lugar do outro antes de tomar qualquer atitude é um preceito moral imperativo em nossa sociedade, de modo que se pode ter aí também esse dever normativo aliado a uma visão estritamente pessoal, de quem conhece os efeitos de um *trabalho* de modo diferenciado, se comparado aos *clientes*, e tem demasiado amor pelos filhos e pelo marido, desejando preservá-los de tais intervenções.

\*\*\*

Ante tudo isso, conforme sugere José Jorge de Carvalho, talvez seja mais importante pensar as identificações individuais, ou as identificações de secções, ou de subgrupos dentro da mesma comunidade, do que a questão da estabilidade. Seguindo seu modo de pensar, a ideia é abandonar denominações que pressupõem que todos os membros desses grupos ou comunidades se identificariam individualmente, mas de um modo comum (CARVALHO, 2000). Em suma, quando se depara um conjunto de questões relativas aos atos mágico-religiosos, é preciso ressaltar que se trata de um conjunto de questões para conjuntos diferenciados de pessoas. O coletivo é repleto de nuances e idiosincrasias. “Há que introduzir agora uma ruptura nessa ideia de que todas as pessoas sonham juntas” (CARVALHO, 2000, p.4).

Também por isso a representação do diálogo e a inserção extensa de vozes no texto etnográfico tornam-se importantes, na medida em que possibilitam expor a multiplicidade de significados e escolhas que envolvem a *experiência* de pessoas diversas com os *trabalhos* da umbanda.

Seguindo essa trilha, pode-se citar o pai de santo Zé de Telvina, que também não realiza *amarrações*, mas por motivos diversos daqueles apresentados aqui até então, introduzindo uma nova problemática:

— A pessoa chega aqui querendo amarrar fulano com fulano. Eu digo: não, não adianta que quando desata fica pior. Tem que ter o nível certo, voltar se tiver amor, sem amarração! Porque amarração pode fazer, mas em um ano ou dois se desmantela. Eu sou muito realista com as minhas coisas. Funciona, mas com um tempo se acaba tudo, aí os dois vão ficar com ódio um do outro, porque coisa amarrada... nada a força presta (Diálogo realizado em junho de 2007).

Perceba-se que Zé de Telvina não considera moralmente errado fazer a amarração. Ele somente não aposta num final exitoso. Esclarece sobre a existência de um prazo de validade para o efeito do *trabalho* e aponta, ao fim do efeito, a emergência de um movimento reverso ao do amor – o ódio. É mais uma perspectiva que vem enriquecer a diversidade de visões sobre o assunto em discussão.

Os *trabalhos de amor*, indubitavelmente, são os que suscitam mais divergências entre *clientes* e pais e mães de santo a respeito das questões morais. Os *trabalhos de destranca*, que visam resolver problemas de cunho financeiro, quase nunca são discutidos sob tais temáticas, e os de cura são apresentados com certa unanimidade como um ato de caridade. Dona Luiza nos dá um exemplo da recorrência desse discurso:

— Na umbanda mesmo diz: a umbanda é paz e amor e caridade. Se eu não pratico a caridade, como é que eu vou receber uma graça dos meus espíritos? Porque eu, para mim, eles vêm aqui com essa missão de ajudar, de curar. Você está desempregado... quer um emprego, um trabalho, uma coisa, você vai pedir aquilo... então dali a gente ajuda. Tanto eu da minha parte, eu mesmo da minha parte sem estar manifestada, ajudo as pessoas, faço, acendo ponto para a pessoa arrumar um emprego, para que seu caminho seja limpo... sua vida tenha prosperidade. Para mim o que importa é você conseguir aquilo ali que você veio atrás: seu emprego, viver em paz, ter felicidade na sua vida. O dinheiro para mim não importa, porque eu tenho casa, eu tenho comida, eu tenho um marido que tem um emprego bom. A gente não vive à custa de espírito. Jamais eu invoco um espírito meu para eu ter que ganhar o dinheiro através da minha entidade (Diálogo realizado em junho de 2007).

Segundo NEGRÃO, que desenvolveu pesquisas em São Paulo, foi pela influência kardecista que a umbanda, em sua formação, se impregnou do ideal do amor cristão desinteressado, caridoso, tendo a realização de curas se tornado o ponto central do valor da caridade umbandista. Para o mesmo autor, porém, essa prática se choca profundamente com a realização de *demandas*, que visam a causar danos a outrem, ou com a cobrança por outros serviços mágico-religiosos comuns dentro da religião (NEGRÃO, 1996). A *demand*a, considerada “magia negra”, é uma das categorias de explicação dos males e aflições que afetam os indivíduos. Qualquer doença pode ter sido uma vingança de um inimigo que encomendou uma *demand*a a outro pai ou mãe de santo. A perda do emprego pode também ter sido uma *coisa-feita*, como às vezes as *demand*as são chamadas, por alguém que sente inveja de sua pessoa e quis *trancar* seus

caminhos. O sumiço do amor e da paixão do ser amado pode ter sido obra de outra pessoa que também o deseja.

Nenhum dos pais e mães de santo que fizeram parte desta pesquisa disse realizar *demandas*, todos se colocam contra. Vários dos problemas que estes resolvem são, entretanto, diagnosticados como causados pelas mesmas. Como expressou FERRETI, a chamada “magia negra” é sempre uma categoria de acusação, e não de autodefinição (FERRETTI, 2001). Ninguém, entre os sujeitos pesquisados, quer associar à sua identidade moral um ato desse nível, porque este é associado ao mal. É nesses termos que surge, contudo, outra encruzilhada moral, que é a da agência das entidades em detrimento do pai ou mãe de santo. Elas têm moralidade autônoma e, conforme revela a fala da cambona de Pai Gledson, conhecida somente por Cecília, a moralidade delas, das entidades, pode estar em desacordo com a do próprio pai de santo:

— A Pomba Gira, chega uma pessoa aqui: “eu quero fulano”. Ela não quer nem saber se é casado, o que é, o que não é [...]. Pomba Gira não está nem aí não. Ela quer saber se está ganhando o dela! (Diálogo realizado em junho de 2005).

Para a Pomba Gira, em relação ao amor, tudo é permitido. Por isso é que todos acabam chegando até ela. Se for para destruir um casamento, o pai ou mãe de santo é quem se opõe, porque no que depender delas, tudo é permitido. Reginaldo Prandi faz interessante observação acerca desse radical caráter libertário da Pomba Gira:

Para a pombagira e seus companheiros exus, qualquer desejo pode ser atendido. Por meio dos pedidos feitos às pombagiras, podemos entender algo das aspirações e frustrações de parcelas da população que estão de certo modo distantes de um código de ética e moralidade embasado em valores da tradição ocidental cristã. O culto dá acesso às dimensões mais próximas do mundo da natureza, dos instintos, das pulsões sexuais, das aspirações e desejos inconfessos. Revela esse lado “menos nobre” da concepção de mundo e de agir no mundo. Umbanda e candomblé são religiões que aceitam o mundo como ele é e ensinam que cada um deve lutar para realizar seus desejos. Por isso, com



frequência são vistas como liberadoras. Não se crê no pecado nem em premiação ou punição após a morte. A vida é boa e deve ser levada com prazer e alegria. Nessa busca da realização dos anseios humanos mais íntimos, exus e pombagiras reforçam sem dúvida uma importante valorização da intimidade, às vezes obscura, de cada um de nós, pois para os exus e pombagiras não há desejo ilegítimo nem aspiração inalcançável nem fantasia reprovável (Prandi, 2008, n.p.).

Não obstante terem moralidade própria, as entidades não têm liberdade para tudo. Sua moral estará em constante diálogo e conflito com a do medium. O que é o “exu batizado”, senão um exu um pouco mais condicionado aos preceitos do medium?

Um problema que se coloca é o da alteração mnemônica causada pelo transe, isto é, a perda de consciência durante a incorporação, o que em termos teóricos dá total liberdade de ação à entidade ocupante do corpo. Para resolver esse impasse é que a cambona ou o cambono, que auxiliam o médium quando atuado, têm de estar sempre presente no instante da consulta, fiscalizando se o *cliente* não irá pedir alguma coisa que o pai ou mãe de santo não permita à entidade fazer.

A esse respeito Pai Salviano me contou que certa vez um *cliente* chegou com um material já todo comprado. Segundo o *cliente*, o material foi designado por Pomba Gira Maria Padilha. Mas esta consulta, por algum motivo, a cambona deixou escapar. Achando o material comprado meio suspeito, Pai Salviano me disse que advertiu o tal *cliente* de que só iria incorporar quando ele dissesse para o que era o material, evitando, assim, a realização de qualquer *trabalho* ao qual ele fosse contra.

Várias entidades transgridem os valores morais dominantes na sociedade, o que não as torna menos poderosas. O caso da entidade Zé Malandro, muito querida no terreiro de Pai Gledson, é exemplar. Esta entidade, como o valor semântico de seu nome sugere, não possui comportamento aprovado pelos padrões morais e sociais de nossa sociedade, sendo um sujeito “deslocado das regras formais” (DAMATTA, 1997, p.263). Falando arrastado e se utilizando de gírias, anda de forma sinuosa e não se limita a pedir cachaça ou cerveja, mas também drogas ilícitas, como o próprio Pai Gledson narra:

— Esse Zé Malandro é o seguinte: têm pedras [terreiros] por aí, não vou dizer aqui, mas têm pedras [terreiros] que ele usa realmente o

negócio, está entendendo? Quer dizer, ele é mais esse tipo de coisa assim... Mas têm terreiros que preservam. Ele chega e pede, é só não dar. Porque fica ruim, digamos, numa gira uma pessoa consumir drogas, essas coisas. Quer dizer, está dando má influência. Só que ele vem pedindo, mas é assim... a forma dele, o jeito dele pedir droga, pedir cocaína, pedir, vamos dizer, maconha, essas coisas todas [...]. Ele é malandro, assim, ele é malandro mesmo [...], no sentido assim de malandragem [...]. Agora é o seguinte: de trabalho, ele é pesado no trabalho (Diálogo realizado em fevereiro de 2005).

Fica evidente que o próprio Pai Gledson, apesar de incorporar esta entidade, não concorda com seu comportamento, o que o faz negar seus pedidos, que são uma *má influência*. Veja-se, entretanto, que a entidade Zé Malandro apenas é chamada de malandro em virtude do seu jeito de ser, pois, aparentemente contraditório, Zé é um malandro que *trabalha*, e que *é pesado no trabalho*. Ou seja: em se tratando das forças invisíveis que permeiam o mundo, Zé Malandro é poderoso. Para os umbandistas, não importa o fato de ele pedir drogas ilícitas. O que conta mais, e é mais importante, é o poder mágico-religioso, o *trabalho*. Como bem exprimiu Patrícia Birman, moral e poder, na umbanda, são duas coisas que funcionam de forma separada (BIRMAN, 1985), ao contrário da concepção católica, segundo a qual aqueles que têm poderes, de “obrar milagres”, os têm por serem considerados moralmente virtuosos, de acordo com o que esta doutrina considera virtude.

Chegando ao fim, é possível sintetizar, dizendo que alguns *trabalhos* realizados em terreiros de umbanda, mais especificamente os *trabalhos de amor*, levantam problemáticas que levam à transgressão de valores tradicionais, à transição entre diferentes modelos de moralidade, ou à negociação entre tais modelos. A pluralidade de modos de pensar as mesmas questões, expostas nas reflexões dos sujeitos pesquisados, fala-nos dessa igual pluralidade de moralidades presentes na cultura. É entre conflitos, certezas, dúvidas e reflexões sobre seus valores que estes sujeitos tentam superar suas aflições de amor cotidianas, e se entregam a viver a *experiência dos trabalhos*.

## **BIBLIOGRAFIA COMENTADA**

BIRMAN, Patrícia. *O Que é Umbanda*. São Paulo: Abril Cultural/ Brasiliense, 1985.

CARDOSO DE OLIVEIRA, Roberto. Antropologia e Moralidade. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, v. 24, 1994, n.p. Disponível em: <[http://www.anpocs.org.br/portal/publicacoes/rbcs\\_00\\_24/rbcs24\\_07.htm](http://www.anpocs.org.br/portal/publicacoes/rbcs_00_24/rbcs24_07.htm)>. Acesso em: 30 ago. 2009.

BOURDIEU, Pierre. Esboço de uma Teoria da Prática. In: ORTIZ, Renato (org.). *Pierre Bourdieu*. São Paulo: Ática, 1994

CARVALHO, José Jorge de. A Religião Como Sistema Simbólico: uma atualização teórica. *Série Antropologia*. Brasília: 2000, pp. 1-17. Disponível em: <http://vsites.unb.br/ics/dan/Serie285empdf.pdf>>. Acesso em: 02 mar. 2010.

CHAUÍ, Marilena. *Convite à Filosofia*. São Paulo: Ática, 2003.

DAMATTA, Roberto. *Carnavais, Malandros e Heróis: para uma sociologia do dilema brasileiro*. 6. ed. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.

FERRETTI, Mundicarmo. *Encantaria de “Barba Soeira”*: Codó, capital da magia negra? São Paulo: Siciliano, 2001.

GURVITCH, Georges. *A Vocação Atual da Sociologia*. Vol. 2. Lisboa: Edições Cosmos/Martins Fontes, 1968.

NEGRÃO, Lísias Nogueira. *Entre a Cruz e a Encruzilhada: formação do campo umbandista em São Paulo*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1996.

NIETZSCHE, Friedrich. *A Genealogia da Moral*. Trad.: Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2009. (Coleção Companhia de Bolso).

VALLS, Álvaro L. M. *O Que é Ética*. São Paulo: Brasiliense, 2006.